

Agrupamento de Escolas de Valdevez

EB23/S de Arcos de Valdevez
Rua Dr. Joaquim Carlos da Cunha Cerqueira – Apt. 110
4970-952 Arcos de Valdevez – Portugal



“... 40% das Crianças em Portugal sofre com este problema...”

ARCOS DE VALDEVEZ

2007/2008

Área Curricular Não Disciplinar: Área de Projecto



“BULLYING NA ESCOLA“

Ano Lectivo 2007/08

Turma: F ; Ano: 6º

Trabalho elaborado pelos alunos:

Cristiana Xavier, David Peneda, Diana Pereira, Diana Veloso, Diogo Silva, Fábio Fernandes, Fábio Alves, Hélder Alves, José Gonçalves, Kelly Brito, Mauro Cabodeira, Michael Brito, Patrícia Cotinho, Paulo Babo, Rosa Brito, Samuel Marques, Sara Cerqueira, Tiago Eiríz, Vanessa Rodrigues e Vítor Silva.

Colaboraram os professores:

Amélia Rocha, Marco Azevedo, Francisco Carvalho, Augusta Lourenço, Manuela Vieira

Índice

Índice.....	3
Introdução.....	4
Capítulo 1 – Conceito.....	5
Capítulo 2 – Locais.....	5
Capítulo 3 – Tipos.....	6
Capítulo 4 - Actores e o Bullying.....	6
Capítulo 5 – Consequências.....	7
No indivíduo.....	7
Na escola.....	7
Capítulo 6 – Vítimas.....	8
Identificação.....	8
Como ajudar.....	8
Alvos.....	9
Testemunhas.....	9
Capítulo 7 - Suporte Social.....	9
Capítulo 8 - Programa “Fear Not”.....	10
Versão inglesa.....	10
Capítulo 9 - Cyberbullying.....	11
Prevenção.....	11
Detecção.....	12
Combate.....	12
Capítulo 10 - Estudos e Reflexões.....	13
Capítulo 11 - Bullying em Portugal.....	15
Dados sobre violência na escola.....	16
Posição Governamental.....	17
Novo Estatuto do Aluno.....	18
Agressões em investigação.....	18
Capítulo 12 - Caso Verídico.....	18
Considerações Finais.....	19
Fontes de recolha de informação.....	21

Introdução

Nesta pesquisa, pretendemos dar a conhecer uma realidade bem presente entre nós e bastante conhecida, apesar de nem sempre ser reconhecida como tal. Falaremos da agressão física, verbal e psicológica que é exercida, individualmente ou em grupo, na comunidade educativa e na sociedade em geral.

Este trabalho é também uma forma de dar a conhecer e alertar os educadores e os pais, que os seus discentes e educandos podem estar a ser vítimas de Bullying, sem que se apercebam.

Esta forma de agressão, o “Bullying”, que pode levar ao suicídio, surge na escola e tem uma grande intensidade entre crianças, de ambos os sexos, entre os onze e os dezasseis anos.

Vamos estudar o conceito de “ Bullying “, as suas diferentes formas, as causas, os efeitos e consequências.

Iremos dar a conhecer a realidade associada a esta problemática em Portugal, nomeadamente no meio escolar, bem como realidades de outros países. Indicaremos, também, alguns agentes e intervenientes com responsabilidades nesta matéria, os seus estudos e algumas conclusões, bem como medidas a tomar e a necessidade de mudar atitudes perante esta questão, cada vez mais actual e mediatizada.

Capítulo 1- Conceito

O termo “Bullying” compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adoptadas por um ou mais indivíduos contra outro (s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os actos repetidos entre elementos da mesma comunidade (colegas) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima. Em princípio, pode parecer uma simples brincadeira mas não deve ser visto desta forma. A agressão moral, verbal e até corporal sofrida pelos alunos, provocando sofrimento na vítima da “brincadeira”, pode levar à depressão.

O bullying tem motivado pesquisadores, educadores de todas as áreas a estudar as causas que motivam a banalização humana e a perda colectiva de alguns valores sociais e do significado da palavra respeito no relacionamento entre pares.

Vivemos tempos de (in)segurança, com guardas privados, câmaras espalhadas por todo o lado, principalmente, em ambientes fechados como são as escolas. Uma sociedade que vulgarizou as múltiplas formas daquilo que chamaríamos de violência camuflada, escondida, violência quase sempre nunca detectada por toda essa segurança que amedronta e não soluciona o que se passa nos grupos.

Gozar, chamar nomes, ameaçar, empurrar, humilhar, excluir de brincadeiras e jogos são actos de todos os dias, que acontecem “desde sempre, desde que há crianças”.

A tudo isso se chama “bullying”. Algo que muitas vezes é considerado pelos adultos como “saudável” e “ uma boa forma de aprender a viver e a defender-se” e que pode deixar marcas para toda a vida. São actos de todos os dias, que acontecem desde sempre.

Capítulo 2 – Locais

O “Bullying” é um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola em particular e na sociedade em geral, não estando ligado a nenhum tipo específico de instituição: primária ou secundária, rural ou urbana. Pode-se afirmar que as escolas que não admitem a ocorrência de “bullying” entre os seus alunos ou desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo. É um drama real que acontece em qualquer momento da vida, desde a primária, passa pela universidade e pode encontrar-se nos locais de trabalho.

O bullying pode ocorrer em várias situações, envolvendo a escola ou a faculdade/universidade, o local de trabalho, os vizinhos e até mesmo Países. Qualquer que seja a situação, a estrutura de poder é tipicamente evidente entre o agressor (bully) e a vítima. Para aqueles fora do relacionamento, parece que o poder do agressor depende somente da percepção da vítima, que parece estar mais intimidada do que para oferecer alguma resistência. Todavia, a vítima geralmente tem motivos para temer o agressor, devido às ameaças ou concretizações de violência física ou psicológica, ou perda dos meios de resistir (subsistência).

Capítulo 3 – Tipos de Bullying

- Físico (bater, pontapear, beliscar, ferir, empurrar, agredir).
- Verbal (apelidos, gozar, insultar).
- Moral (difamar, caluniar, discriminar, tyrannizar).
- Sexual (abusar, assediar, insinuar, violar sexualmente).
- Psicológico (intimidar, ameaçar, perseguir, ignorar, aterrorizar, excluir, humilhar).
- Material (roubar, destruir pertences materiais e pessoais).
- Virtual (insultar, discriminar, difamar, humilhar, ofender por meio da Internet e telemóveis).

Capítulo 4 – Actores

Seja qual for a actuação de cada aluno, algumas características podem ser destacadas, como relacionadas aos papéis que venham a representar:

-Alvos de “bullying” - alunos que só sofrem “bullying”.

-Alvos\autores de “bullying” - alunos que ora sofrem, ora praticam “bullying”.

-Autores de “bullying” - alunos que só praticam “bullying”.

-Testemunhas de “bullying” - alunos que não sofrem nem praticam “bullying”, mas têm conhecimento dos envolvidos e convivem num ambiente onde isso ocorre.

Capítulo 5 – Consequências

O “bullying” pode marcar a personalidade de uma pessoa para sempre ou torná-la débil na capacidade de comunicação, ou torná-la incapaz de se afirmar em termos sociais, profissionais e amorosos.

As crianças que sofrem de “bullying”, dependendo, das suas características individuais e das suas relações com os meios em que vivem, em especial as famílias, podem não superar totalmente os traumas sofridos.

Poderão crescer com sentimentos negativos, especialmente com uma baixa auto-estima, tornando-se adultos com sérios problemas de relacionamento. Poderão assumir, também, um comportamento passivo ou agressivo que mais tarde podem vir a sofrer ou a praticar o “bullying” no trabalho (workplace “bullying”). Em casos extremos, alguns deles poderão tentar ou cometer o suicídio.

Quando não há intervenções efectivas, dos Conselhos Executivos e docentes, contra o “bullying”, no ambiente escolar, este torna-se totalmente contaminado e viciado de rotinas graves e perigosas.

Todas as crianças, sem excepção, são afectadas negativamente, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo. Alguns alunos que testemunham situações de “bullying”, quando se apercebem que este tipo de comportamento agressivo não traz nenhuma consequência ou punição a quem o pratica, poderão achar por bem adoptá-lo, tornando-se assim em futuros agressores.

Efeitos sobre o indivíduo incluem

- Depressão reactiva (forma de depressão clínica causada por eventos exógenos);
- Stress de desordem pós-traumática;
- Torna-se também um agressor;
- Ansiedade;
- Problemas gástricos;
- Dores não-especificadas;
- Perda de auto-estima;
- Medo de expressões e emoções;
- Problemas de relacionamento;
- Abuso de drogas e álcool;
- Auto-mutilação;
- Suicídio (também conhecido como bullycídio).

Efeitos numa Escola incluem

- Níveis elevados de faltas escolares (absentismo).
- Alta rotatividade do quadro de pessoal docente e não docente.
- Desrespeito pelos professores.
- Alto nível de faltas disciplinares por males menores.

Capítulo 6 - Vítimas

Identificação

- Demonstrar falta de vontade de ir para a escola;
- Sentir-se mal, perto da hora de sair de casa;
- Pedir para trocar de escola;
- Revelar medo de ir ou voltar da escola;
- Apresentar baixo rendimento escolar;
- Voltar da escola com roupa, livros rasgados e outros bens pessoais danificados;
- Chegar diariamente a casa com feridas inexplicáveis;
- Tornar-se uma pessoa fechada, introvertida;
- Parecer angustiado, ansioso, deprimido;
- Apresentar manifestações de baixa auto-estima;
- Ter pesadelos frequentemente chegando a gritar; “socorro”, “deixa-me”, etc;
- “Pedir”, frequentemente, os seus bens mais valiosos e o seu dinheiro.

Como ajudar o seu filho, vítima / autor de bullying?

- ❖ Saiba que ele(a) está a precisar de ajuda;
- ❖ Não tente ignorar a situação;
- ❖ Procure manter a calma;
- ❖ Mostre que a violência deve ser evitada;
- ❖ Não o agrida nem o intimide;
- ❖ Mostre que sabe o que está a acontecer e procure demonstrar que o ama;
- ❖ Converse com ele;
- ❖ Garanta-lhe que o quer ajudar;
- ❖ Tente indentificar algum problema actual;
- ❖ Com o consentimento dele tente entrar em contacto com a escola;
- ❖ Procurar auxiliá-lo a encontrar meios não agressivos;
- ❖ Encoraje-o a pedir desculpa ao colega que agrediu, no caso de ser o agressor;
- ❖ Tente descobrir alguma coisa positiva em que ele se possa sair bem para elevar a sua auto-estima.

Alvos de BULLYING

Os alvos de “bullying” são pessoas ou grupos que são prejudicados ou que sofrem as consequências agressivas dos comportamentos de outros e que não dispõem de recursos, status ou habilidades para reagir ou cessar os actos danosos contra si. São, geralmente, pouco sociáveis. Um forte sentimento de insegurança impede-os de solicitar ajuda. São pessoas sem esperança quanto às possibilidades de se integrarem no grupo. A baixa auto-estima é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos (pais e docentes) sobre o seu sofrimento. Alguns crêem serem merecedores do que lhes é imposto (aplicado como castigo aceite). Têm poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem efectivamente aos actos de agressividade sofridos.

As vítimas de “bullying” tornam-se muitas vezes pessoas tão frágeis que chegam mesmo a tentar o suicídio.

E o pior é que, ainda segundo Alexandre Ventura, Pedagogo, quando as vítimas procuram denunciar as situações em que vivem, “são mal recebidas, acabando por ser também vítimas de incompreensão”.

As Testemunhas

As testemunhas também se vêem afectadas por esse ambiente de tensão, tornando-se inseguras e temerosas de que possam vir a tornarem-se nas próximas vítimas. Normalmente resignam-se e remetem-se ao silêncio, por receio de denunciarem estas situações graves, uma vez que sentem que os responsáveis não irão valorizar nem punir os bullies.

Capítulo 7 - Suporte Social

O suporte social é considerado um factor protector para o envolvimento em comportamentos de bullying. Através de utilização de modelos de equações estruturais, uma análise factorial confirmatória revelou que os modelos dos 2 factores correlacionados (Suporte dos Amigos e da Família; Suporte dos Colegas e dos Professores) se ajustam aos dados (CFI de 0.95 e de 0.94) (Carvalhosa, Oddrun, Hetland). Os resultados indicam que na escola, as vítimas e as vítimas-agressoras recebem menos suporte dos colegas e os agressores recebem menos suporte dos professores; fora da escola, as vítimas têm menos suporte dos amigos. Podemos concluir que diferentes padrões de suporte social, dentro e fora da escola, foram encontrados para as vítimas, os agressores e as vítimas-agressoras. Estes resultados podem guiar o desenvolvimento de intervenções para a prevenção do bullying.

Capítulo 8 - Programa Informático (Fear Not)

O Instituto Superior Técnico (IST) está a desenvolver um software interactivo para ajudar as crianças entre os 9 e os 11 anos a lidar com situações de violência por parte de colegas, um fenómeno conhecido como “bullying”, noticia a Lusa.

O programa informático FearNot! (Não Tenhas Medo!) usa um ambiente virtual em três dimensões no qual são encenadas situações de bullying, cabendo às crianças aconselhar as vítimas nos casos que o software vai gerando. «A criança não é uma das personagens. Não queríamos que se sentissem vitimizadas. Queremos que sintam empatia pelas vítimas e tentem ajudá-las, para que no mundo real já possuam estratégias para lidar com as situações», explicou Ana Paiva, professora associada do IST e coordenadora do projecto.

O comportamento agressivo e intencional de alunos mais velhos, fortes ou populares sobre colegas mais novos e com menos popularidade, vítimas de rejeição social, insultos diários e até maus-tratos físicos, é um fenómeno conhecido como «bullying».

No programa informático que o Instituto Superior Técnico está a desenvolver, existem cerca de 30 episódios diferentes, podendo cada um deles gerar várias situações, dependendo dos conselhos que as crianças derem às personagens. Os jovens poderão aconselhar as vítimas a denunciarem a situação ao professor, aos pais, a um amigo, ou até a ripostarem, sendo que o conselho das crianças altera o estado emocional da personagem.

Versão inglesa testada em Setembro

A versão inglesa deste programa será testada durante o mês de Setembro por mais de 1.000 crianças de escolas inglesas e alemãs, países parceiros do projecto, estando neste momento a ser ultimada a versão em português.

Esta versão, que deverá estar pronta e testada no início de Janeiro do próximo ano, será gratuita para as escolas portuguesas, bastando ao estabelecimento de ensino fazer o download do software.

Os rapazes são os principais praticantes do bullying directo, ameaçando fisicamente, empurrando ou batendo em colegas, enquanto as raparigas preferem o bullying relacional, caracterizado pelas ofensas, pela humilhação ou rejeição de outros alunos, pelo que foram desenvolvidas duas versões.

Dos testes realizados por cerca de 120 alunos de quatro escolas portuguesas, a responsável concluiu que as raparigas criam «muito mais empatia» com as personagens do que os rapazes, mas que ambos «sentem pena» e tentam ajudar as vítimas.

Capítulo 9 – Cyberbullying

Recentemente o tema do bullying ou da violência nas escolas tem recolhido a atenção dos meios de comunicação social portugueses. Enquanto Portugal desperta para este tema, noutros quadrantes a preocupação crescente é com o cyberbullying, tema que já aqui foi abordado.

O cyberbullying foi um tema que já foi desenvolvido em 2003 através do artigo "Que a Força Esteja Contigo, Star Wars Kid!", em 2004 no artigo "Valentões, Fanfarrões e Rufiões" e em 2005 no artigo "Happy Slapping, Mais Que Uma Nova Forma de Cyberbullying".

Recentemente, o tema foi notícia em vários órgãos de comunicação social a propósito de um estudo sobre o Ciber Abuso de Crianças e Jovens, financiado pela Bell Canadá e desenvolvido pela Faculdade de Trabalho Social da Universidade de Toronto. Em Portugal, no entanto, apenas o Diário Digital lhe fez referência. Não admira assim que o tema continue a ser largamente ignorado em Portugal, razão pela qual ser este um excelente pretexto para voltar ao tema.

Segundo a Professora Faye Mishna, uma das investigadoras principais responsáveis pelo estudo, "com mais crianças e jovens a usarem a Internet, correio electrónico, SMS, sites de redes sociais e webcams, assistimos a mais casos de bullying através destes meios tecnológicos". Esta não é uma novidade. Nem mesmo em Portugal, onde já em 2003 o Correio da Manhã noticiou um caso que cobriu com um nível de detalhe que já na altura pareceu excessivo. Novidade é o facto da especialista vir confirmar algo que também se tem vindo a aperceber através de emails que chegam dos leitores, pedidos de auxílio de pais e até de jovens, notícias na comunicação social e testemunhos pessoais: o facto deste fenómeno se estar a tornar cada vez mais corrente.

Como Prevenir o Cyberbullying

Segundo os investigadores, a melhor forma de prevenir o cyberbullying consiste na adopção das seguintes sugestões:

- Eduque-se a si e aos seus filhos ou educandos sobre como usar as tecnologias de informação e comunicação de forma ética, responsável e segura;
- Eduque as crianças/jovens sobre os riscos de colocarem fotografias, vídeos e outros dados pessoais online que possam ser usados pelos seus pares para actos de cyberbullying;
- Preste atenção aos que os seus filhos ou educandos lhe dizem sobre potenciais casos de cyberbullying e não se limite a subestimar, criar falsos sentimentos de segurança ou até ignorar as situações que lhe são reportadas (por exemplo, "limita-te a ignorar", "não leves isso a sério", etc.);
- Não reaja intempestivamente para proteger a criança/jovem. Por exemplo, não se ajuda uma vítima castigando-a. Se a criança é vítima de cyberbullying, não lhe retire o direito de acesso ao computador ou à Internet;
- Caso os seus filhos ou educandos seja vítimas de cyberbullying, deixe claro que trabalhará com a criança/jovem para encontrar uma solução;
- Monitorize a utilização das tecnologias de informação e comunicação pelas crianças e jovens a seu cargo. Faça-o escolhendo criteriosamente o local e o posicionamento do computador. Evite as áreas isoladas (quartos de crianças/jovens), preferindo os espaços de maior circulação de pessoas. Poderá ainda adoptar programas de controlo parental e procurar informar-se sobre outros locais a partir dos quais os miúdos acedam à Internet.

É que se é verdade que este tipo de casos merecem ser notícia, não é menos verdade que são também excelentes oportunidades para promoverem a utilização ética, responsável e segura das tecnologias de informação por crianças e jovens.

Como Detectar o Cyberbullying

Segundo os investigadores, para detectar casos de cyberbullying, pais e educadores devem estar atentos a alterações no comportamento ou na personalidade das crianças ou jovens, nomeadamente quando estes:

- Se tornam afastados, agitados, ansiosos, tristes ou deprimidos;
- Expressam raiva, gritando ou vitimizando outras crianças/jovens (tal como um irmão ou irmã mais novos);
- Se queixam fisicamente de dificuldades em adormecer, dores de cabeça ou de barriga ou quando se verifica a alteração de hábitos alimentares;
- Perdem o interesse em eventos sociais;
- Demonstram relutância em frequentar a escola quando antes tal nunca se verificara ser problema;
- Revelam alterações na utilização da Internet ou de outras tecnologias.

Como Fazer Frente ao Cyberbullying

A Prof. Faye Mishna deixa ainda sugestões sobre como os pais e educadores podem debater o assunto com as crianças e jovens a seu cargo e fazer face ao cyberbullying. Estas incluem:

- Criar e manter um clima de comunicação aberta e conversas regulares sobre a Internet e as tecnologias, em vez de esperarem e apenas abordar o assunto quando ocorrer algum problema;
- Encorajar as crianças/jovens a falar sobre os problemas com que se confrontam na Internet ou com outras tecnologias, como por exemplo os telemóveis e escutarem o que as crianças/jovens nos dizem;
- Explicar às crianças e aos jovens que se forem vítimas de cyberbullying a culpa não é deles;
- Sublinhar que pedir ajuda não é um sinal de fraqueza, mas uma forma de afirmação que envia uma mensagem ao agressor que o seu tipo de comportamento não será tolerado e que não lhe será permitido continuar.

Capítulo 10 – Estudos e reflexões

Num seminário dedicado ao tema “Bullying - intimidação nas escolas”, realizado pelo Centro Social de Paramos, no âmbito do projecto “Aprender em Movimentos”, na escola secundária Dr. Manuel Laranjeira, em Espinho, Alexandre Ventura e Beatriz Pereira alertaram para a necessidade cada vez mais premente de despertar as consciências de todos para o fenómeno e as suas consequências.

Beatriz Pereira salientou a importância de existir nas escolas um espaço, um gabinete, onde os jovens, vítimas ou simples testemunhas, possam ir denunciar aquilo que viveram ou viram acontecer. “ Normalmente, as vítimas sofrem em silêncio. Sentem-se ridículas e até culpadas pelo facto de serem vítimas. Os órgãos de gestão, os professores, os auxiliares de acção educativa e os pais têm de assumir as suas responsabilidades, deixarem de aceitar como normal o que é aberrante e injustificado e começar a agir.

Os predicados de uma potencial vítima ser recém-chegado a uma escola e ter ali poucos amigos íntimos é uma das características de muitas das vítimas. Ser tímido, viver no meio familiar super protector, pertencer a um grupo racial ou étnico diferente da maioria, possuir uma diferença óbvia (como ser muito gordo ou mais magro, coxear, gaguejar,...), ter necessidades educativas especiais ou deficiências ou pelo simples facto de comportar-se de forma considerada imprópria, ser maçador ou intrometido, são factores que fazem de um jovem uma potencial vítima.

Um especialista norte-americano em Educação desafiou Portugal a criar uma campanha nacional contra a violência verbal, física e social praticada reiteradamente entre alunos, que nos EUA afectava entre 20% e 58% dos estudantes.

A pesquisa mais extensa sobre “bullying”, realizada na Grã-bretanha, regista que 37% dos alunos do primeiro grau e 10% do segundo grau admitem ter sofrido “bullying”, pelo menos, uma vez por semana.

O levantamento realizado pela ABRAPIA, em 2002, envolvendo 5875 estudantes do 5º ao 8º ano, de onze escolas localizadas no Município do Rio de Janeiro, revelou que 40,5% desses alunos admitiram ter estado directamente envolvidos com o “bullying” naquele ano, sendo 16,9% alvos, 10,9% alvos \ autores e 12,7% autores de “bullying”.

Os meninos, com uma frequência muito maior, estão mais envolvidos com o “bullying”, tanto como autores quanto como alvos. Já entre as meninas, embora com menor frequência, o “bullying” também ocorre e caracteriza-se, principalmente, como prática de exclusão ou difamação.

De acordo com o especialista Allan Beane, esta forma de violência é cada vez mais comum nas escolas norte-americanas e constituiu já uma das principais causas de absentismo escolar, levando a mais de 160 mil alunos a faltar diariamente às aulas, com medo.

Os rapazes são os principais praticantes do “bullying” directo, ameaçando fisicamente, empurrando ou batendo em colegas mais fracos, enquanto as raparigas preferem o “bullying” social, caracterizado pelas ofensas, pela humilhação, disseminação de boatos maldosos e rejeição de outros alunos.

Esta última forma de violência é também cada vez mais frequente, encontrando na Internet um dos seus palcos preferenciais, nomeadamente através da difamação de colegas em sites, com publicação de fotografias e vídeos, referiu o especialista.

Humilhadas e intimidadas diariamente, as vítimas de “bullying” sofrem de uma baixa auto-estima, de ansiedade e depressão, um sofrimento emocional que muitas vezes substituem por

sentimentos profundos de raiva, ódio e vingança, que já motivaram 37 tiroteios em escolas norte-americanas.

A mudança repentina na assiduidade e no desempenho escolar, perda de apetite, sintomas físicos como dores de cabeça e de barriga, pesadelos, quebra de auto-estima e súbitas mudanças de humor são, segundo Allan Beane, alguns dos principais sinais evidenciados pelas vítimas, a que pais e professores devem estar alerta.

"O bullying é cada vez mais comum e mais grave. Ocorre em todas as escolas, a um certo nível, começa no pré-escolar, a partir dos três anos, e percorre todo o Ensino até ao secundário, criando um ambiente escolar marcado pelo medo e pela ansiedade, que faz aumentar o insucesso, o absentismo e o abandono escolar", referiu o especialista, sublinhando que o fenómeno pode mesmo levar as vítimas ao suicídio.

Alegando que 60% dos jovens que praticam "bullying" têm cadastro criminal quando chegam aos 24 anos e que 40% praticam actos de violência doméstica quando se tornam adultos, o especialista considera que é necessária uma campanha para pôr fim à violência escolar em todos os países.

"É preciso uma política que envolva toda a comunidade escolar, uma campanha nacional de sensibilização que deve começar logo no ensino pré-escolar, envolvendo todos os professores, os pais e a sociedade em geral. A campanha contra a violência na escola tem de tornar-se uma forma de vida", sublinhou Allan Beane, que acaba de editar em Portugal o livro "A Sala de Aula Sem Bullying".

Crianças entre os 11 e os 16 anos são perseguidas, humilhadas e agredidas pelos seus colegas nas escolas. A isto chama-se bullying. Pode levar ao isolamento interior e social, e marcar toda uma vida.

A imprensa internacional tem apresentado com frequência pouco usual histórias como a do jovem espanhol Jokin Cebrio, de 14 anos, que se atirou das muralhas da cidade de Hondarribia, no País Basco onde vivia, para por fim a mais um ano de tormento na escola. Jokin era sistematicamente perseguido e maltratado pelos colegas. Calou-se e foi aguentando. Acabou por criar coragem e contou aos pais o que se passava e quem o maltratava. Mas quatro dias depois de o ter feito, suicidou-se.

Jokin tornou-se um caso emblemático, tendo sido nos últimos meses referido um pouco por todo o mundo. E ficou claro que o bullying não é um problema só de Espanha. É um mal comum a inúmeros países.

Portugal não escapa a esta realidade. A violência entre colegas na escola talvez não tenha levado jovens portugueses a por termo à vida, mas existe e provoca danos.

Dados recolhidos em Portugal, no âmbito do estudo Health Behaviour in School-aged Children (HBSC), da Organização Mundial de Saúde (OMS), em que foram entrevistados 6131 jovens do 6º, 8º, e 10º anos de todo o país, revelam que 23,13% dos rapazes e 13,9% das raparigas afirmaram ter sido vítimas de bullying duas ou três vezes por mês. Ao mesmo tempo, 13,9 por cento dos rapazes e 7 por cento das raparigas reconheceram ter agido como provocadoras dos seus pares duas ou três vezes por mês.

Capítulo 11 - Bullying em Portugal

O último estudo realizado pela equipa liderada por Margarida Matos, no âmbito da Organização Mundial de Saúde, verificou que:

- Os rapazes envolvem-se em mais actos de violência na escola, quer como provocadores quer como vítimas ou em duplo envolvimento;
- Este envolvimento parece ter um pico aos 13 anos, embora os mais novos (11 anos) participem mais, enquanto vítimas;
- Estes jovens apresentam um perfil de afastamento em relação à casa, à família e à escola, e referem mais frequentemente ver televisão quatro ou mais horas por dia;
- Os que figuram como vítimas e os que têm duplo envolvimento afirmam mais frequentemente não se sentirem felizes e não se sentirem seguros na escola;
- Estes apontam ainda problemas de relação social com os seus pares, acham difícil arranjar novos amigos e dizem não ter amigos;
- Os que apresentam maiores queixas de sintomas físicos e psicológicos estão envolvidos mais frequentemente em comportamentos de vitimação;
- Os jovens que consideram difícil falarem com a mãe sobre o que os preocupa, assim como os que sentem a mesma dificuldade em relação a comportamentos de provocação e de duplo envolvimento;
- Aqueles que consideram que não têm pai ou não o vêem estão envolvidos mais frequentemente em comportamentos violentos.

Devido às consequências e efeitos negativos destes comportamentos para o desenvolvimento e para a saúde mental, é de extrema importância que as escolas não neguem que o problema existe e que se dissipe a noção, de pais e educadores, de que este tipo de comportamento é uma parte normal do crescimento. Isto também porque a liberdade do medo é suficiente para assegurar uma aprendizagem com sucesso mas não é uma condição necessária para a aprendizagem eficaz.

Em Portugal, têm sido feitos vários estudos sobre a problemática do bullying . Estes envolvem aspectos como a tradução da palavra “bullying” para português”, a observação dos comportamentos de bullying nos recreios, a caracterização das vítimas, dos agressores e das vítimas-agressoras e a prevalência deste tipo de comportamentos e a sua monitorização a nível nacional.

Nas investigações com amostras nacionais representativas (Carvalhosa, Lima e Matos, 2001; Carvalhosa e Matos, 2004) verificou-se que, em 1998, 42.5% dos alunos entre os 11 e os 16 anos de idade relataram nunca se terem envolvido em comportamentos de bullying, 10.2% afirmaram serem agressores (uma vez ou mais, no último período escolar), 21.4% referiram serem vítimas (uma vez ou mais, no último período escolar) e 25.9% eram simultaneamente vítimas e agressores. Já em 2004, verificou-se que 41.3% dos alunos nunca se envolveram em comportamentos de bullying, 9.4% são agressores, 22.1% são vítimas e 27.2% são, tanto vítimas como agressores.

Pode-se, assim, concluir que, em Portugal, existem taxas elevadas de comportamentos de bullying, nas escolas.

Para a vitimação e para a provocação, os comportamentos mais referenciados são o “gozar, chamar nomes, fazer troça”, “dizer mentiras, espalhar boatos”, “fazer comentários ou gestos ordinários e/ou piadas sexuais” e “excluir, deixar de fora de actividades de propósito” (Carvalhosa e Matos, 2005).

Num estudo comparativo sobre a evolução do fenómeno em Portugal, verificou-se que a frequência dos comportamentos de vitimação e de provocação, uma vez por semana ou mais, aumentaram nos últimos anos nas escolas Portuguesas (Carvalhosa e Matos, 2004).

Nas escolas, estes fenómenos são muitas vezes despercebidos na sua verdadeira extensão e expressão. Ainda destacamos: dos alunos portugueses entre os 10 e os 18 anos, 23.5% estão

envolvidos em comportamentos de bullying, 2 a 3 vezes por mês ou mais, ou seja, 1 em cada 4 alunos. Os rapazes envolvem-se mais em comportamentos de bullying na escola, quer como agressores, quer como vítimas, quer com duplo envolvimento (simultaneamente agressores e vítimas); o envolvimento em comportamentos de bullying parece ter um pico aos 13 anos, embora os mais novos (11 anos) se envolvam mais, enquanto vítimas; nos últimos anos, verificou-se um aumento na frequência de bullying, uma vez por semana ou mais, quer em relação a provocar os outros quer em relação a ser vítima.

Casos de "bullying" continuado já levaram à morte de jovens em Portugal. Quem o afirma é Beatriz Pereira, professora e investigadora do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, que adianta que um desses casos ocorreu ainda este ano, embora, tal como outros, não tenha sido assumido como tal, ou seja, um caso extremo de abuso sistemático de poder e de intimidação. Segundo aquela investigadora, os casos registados em Portugal são, no entanto, pontuais.

Basicamente, o "bullying", expressão inglesa com difícil tradução para português, consiste, segundo Alexandre Ventura, do departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro, "na violência física e/ou psicológica consciente e intencional exercida por um indivíduo ou um grupo sobre outro indivíduo, ou grupo, incapaz de se defender e que, em consequência de tal agressão, fica intimidado, podendo ver afectadas as respectivas segurança, auto-estima e personalidade".

Gozar, chamar nomes, ameaçar, empurrar, humilhar, excluir de brincadeiras e jogos são actos de todos os dias, que acontecem "desde sempre, desde que há crianças". E a isto se chama "bullying". Algo que muitas vezes é considerado pelos adultos como "saudável" e "uma boa forma de aprender a viver e a defender-se" e que pode deixar marcas para toda a vida. Segundo Alexandre Ventura, o "bullying" pode marcar a personalidade de uma pessoa para sempre ao torná-la débil na capacidade de comunicação, ao torná-la incapaz de se afirmar em termos sociais, profissionais e amorosos.

As vítimas de "bullying" tornam-se muitas vezes pessoas tão frágeis que chegam mesmo a tentar o suicídio. E o pior é que, ainda segundo aquele pedagogo, quando as vítimas procuram denunciar as situações em que vivem, "são mal recebidas, acabando por ser também vítimas de incompreensão".

Num seminário dedicado ao tema "Bullying - intimidação nas escolas", realizado pelo Centro Social de Paramos, no âmbito do projecto "Aprender em movimento", na Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, em Espinho, Alexandre Ventura e Beatriz Pereira alertaram para a necessidade cada vez mais premente de despertar as consciências de todos para o fenómeno e as suas consequências.

Beatriz Pereira salientou a importância de existir, nas escolas, um espaço, um gabinete, aonde os jovens, vítimas ou simples testemunhas, possam ir denunciar aquilo que viveram ou viram acontecer.

"Normalmente, as vítimas sofrem em silêncio. Sentem-se ridículas e até culpadas pelo facto de serem vítimas. Os órgãos de gestão, os professores, os auxiliares de acção educativa e os pais têm de assumir as suas responsabilidades, deixarem de aceitar como normal o que é aberrante e injustificado e agir", concluiu A. Ventura.

Alguns dados sobre violência na Escola em Portugal

Em 121 dias de aulas foram agredidos nas escolas portuguesas mais de 150 professores. A média é superior a um por dia. Os docentes vivem assustados e exigem que o Ministério da Educação tome medidas urgentes.

As contas estão feitas e o resultado é, no mínimo, preocupante. Até ao final do segundo período, em 121 dias de aulas, foram agredidos 157 professores no interior ou nas imediações das escolas portuguesas.

A linha SOS Professor, criada no início de Setembro pela Associação Nacional de Professores, não tem parado de tocar, com mais de uma queixa por dia.

Só na última quinzena de Março, 29 docentes utilizaram esta linha para solicitar ajuda para casos de comportamentos violentos e de agressões por parte dos alunos ou mesmo de familiares.

A maior parte dos casos de violência sobre os professores é praticada por alunos, quase sempre jovens problemáticos e com fraco aproveitamento escolar, mas também têm sido muitos os casos de agressões infligidas aos docentes por encarregados de educação ou outros familiares dos discentes.

O facto de o número de queixas ter subido consideravelmente nos últimos dias do mês que passou tem a ver com a época de avaliações, altura em que alguns alunos são confrontados com más notas e, por vezes, com o espectro quase certo da reprovação.

A violência sobre professores não é uma novidade nas escolas portuguesas, mas o número de casos tem aumentado de forma “assustadora” nos últimos tempos, pelo que a Associação Nacional de Professores já solicitou ao Ministério da Educação a criação da figura do “mediador escolar”, se não em todas pelo menos nas escolas consideradas mais problemáticas.

“Já no ano lectivo 2005/2006, e os dados são do Ministério da Educação, foram agredidos 400 professores em Portugal. Foram 400, não quatro professores. Ora nós entendemos que é urgente fazer alguma coisa”, disse ao CM João Grancho, presidente da Associação Nacional de Professores.

Também os sindicatos se têm mostrado muito preocupados com a crescente violência nas escolas e com o facto de os professores viverem “num clima de insegurança permanente”.

“A política de desacreditação dos professores que este Governo tem implementado tem contribuído fortemente para este estado de coisas. O professor passou a ser totalmente desconsiderado e, agora, também agredido”, disse ao CM Lurdes Salgueiro do Sindicato dos Professores do Norte.

Posição Governamental sobre esta matéria

Contactado pela agência Lusa, o director do Observatório para a Segurança Escolar, João Sebastião, afirmou que não existem em Portugal dados precisos sobre este tipo de violência e questionou a importação do conceito de “bullying” para a realidade portuguesa.

“Tenho largas dúvidas sobre esse conceito porque ele, basicamente, inclui tudo. É tão abrangente que se torna muito indefinido e acaba por dizer pouco, além de que não é sensível às diferenças culturais”, referiu o responsável.

“Se [o conceito] for aplicado genericamente, então concluímos que todas as escolas são campos de batalha. No recreio, os alunos passam a vida a chamar nomes uns aos outros e agredidos e agressores alternam muito. A situação não é linear”, acrescentou.

Em declarações à Lusa, João Sebastião salientou que “o conceito é mais aplicável ao Norte da Europa, onde surgiu pela primeira vez, e aos EUA, para onde foi importado”, não sendo facilmente exportável para a realidade portuguesa.

“Em Portugal há efectivamente situações de violência, mas mais do que uma violência generalizada e reiterada, há indivíduos ou grupos de indivíduos que conseguem infernizar a vida de uma escola, por se sentirem impunes, muitas vezes por falta de reacção da própria escola”, afirmou, considerando que “não basta apoiar as vítimas, mas também actuar sobre os agressores, combatendo a causa da violência”.

O Ministério desvaloriza a violência sobre os docentes

“Isto assim não pode continuar”, diz, peremptoriamente, João Grancho, o presidente da Associação Nacional de Professores perante os dados revelados pelo funcionamento, cada vez mais intenso, da linha SOS Professor. Referindo que a situação “é muito preocupante”, este dirigente afirma que “as coisas não se resolvem por si, é preciso agir e pôr um travão a esta crise de segurança que se vive nas nossas escolas”. Lembrando que a violência advém da indisciplina reinante e do facto de os professores estarem a passar “uma fase negra em termos de imagem”,

João Grancho diz que “o Ministério da Educação não pode continuar a desvalorizar este problema, insistindo na tese dos casos pontuais. Um professor agredido por dia, nas escolas portuguesas, não pode considerar-se uma situação normal”. Apelando ao bom senso dos governantes, João Grancho

diz esperar que o Ministério da Educação analise a proposta de criação da figura do mediador escolar, pelo menos para as escolas consideradas mais problemáticas.

Revisão do estatuto do aluno dá mais poder a professores

Uma das soluções apresentadas pelo Ministério da Educação para combater o problema da violência escolar passa pela revisão do estatuto do aluno. O objectivo da ministra Maria de Lurdes Rodrigues é atribuir mais poder a professores e conselhos executivos das escolas, no sentido de estas situações serem resolvidas de uma forma mais célere.

Ainda recentemente, a ministra comentou a situação, considerando não existir um clima de violência nas escolas portuguesas. Uma ideia reforçada pelos números, tendo em conta que existem mais de 1,7 milhões de estudantes, cerca de 150 mil professores e mais 80 mil funcionários. Sem querer relativizar os dados recolhidos pela linha SOS Professor, o Ministério refere que cada caso de agressão a professores é um drama e é condenável, reiterando que “a escola é o espaço público mais seguro do País”.

Questionado sobre a proposta de criação da figura de mediador escolar, que teria a função de evitar e resolver situações de conflito, apresentada pela Associação Nacional de Professores (ANP), o Gabinete da Ministra Maria de Lurdes Rodrigues assegura não ter recebido qualquer documento e que a Direcção Regional de Educação do Norte (DREN) também não tem conhecimento formal destas medidas.

A criação de um mediador escolar faz parte de um pacote de cem medidas, apresentado pela ANP em Abril de 2006. Nas ‘cem medidas para melhorar a convivência nas escolas’ está também a existência de técnicos que façam uma ligação entre o que se passa nas escolas e o meio social envolvente.

Agressões em investigação

A investigação das situações de agressões a professores e a médicos será prioritária, de acordo com o projecto-lei sobre política criminal a ser entregue ao Parlamento até 15 de Abril. “Vai incluir como prioridade as ofensas a professores e outros membros da comunidade escolar, a nível da prevenção e investigação criminal”, disse Rui Pereira, coordenador da Unidade de Missão para a Reforma Penal. Como foi noticiado pelo CM, a primeira lei sobre Política Criminal deve entrar em vigor a 1 de Setembro, após a sua aprovação na Assembleia da República até 15 de Junho. Todas as agressões a professores e pessoal não docente deverão ser comunicadas ao Ministério Público pelos conselhos executivos.

Capítulo 12 – Caso Verídico

Um triste exemplo...

ALUNA GOLPEIA PESCOÇO A COLEGA

Com recurso a um x-acto, uma aluna desferiu um golpe no pescoço de um colega, depois de ter sido rasteirada, no interior da Escola do Ensino Básico 2,3 de Real, em Braga. O aluno foi suturado no Hospital de S. Marcos a uma ferida superficial. Os responsáveis escolares mostraram-se surpreendidos pela reacção violenta da aluna, mas a agressão – ocorrida na terça-feira – veio alertar a comunidade para a segurança numa escola onde há várias crianças acolhidas em instituições sociais.

Fonte do Conselho Executivo, contactada pelo CM, garante que se tratou de uma situação pontual e assegura que há uma preocupação constante com o bem-estar dos alunos no interior da escola, servida permanente por um guarda ao serviço do Ministério da Educação.

Considerações Finais

Catorze empresas internacionais de comunicação (Microsoft, MySpace, Facebook, Vodafone, Yahoo, Orange e outras), com o apoio da Comissão Europeia, juntaram-se para ajudar os professores a interagirem com os alunos, no sentido de trabalharem com as novas tecnologias de informação. Um dos grandes problemas actuais, das novas tecnologias de informação, tem por base o combate ao ciber-bullying.

Foi criada a página (site) "Teach today", no sentido de ajudar os professores, desde a utilização da internet dentro da sala de aula, até a lidar com situações associadas ao uso dos telemóveis de forma responsável.

Os professores podem encontrar neste site informação dividida por grupos etários, conforme sejam dirigidos para o Ensino Básico ou Secundário, exemplos de situações práticas, planos de aulas, um léxico de termos usuais nos meios tecnológicos de informação, artigos sobre situações problemáticas que podem surgir dentro da sala de aula, como ensinar os alunos a proteger a sua privacidade no mundo virtual entre outros assuntos.

O site "Teachtoday.eu", além de informação pertinente, fornece um conjunto de ferramentas de trabalho, que pretende funcionar como um excelente auxiliar e parceiro do professor, neste momento o site encontra-se disponível em sete (7) línguas, não tendo sido o português, uma das línguas contempladas e foi desenvolvido pela associação "European Schoolnet", que reúne os Ministérios de Educação de vinte e oito (28) países europeus.

Um aspecto destacado por Richard Galvin, desta Associação, foi que os educadores, de um momento para o outro, se depararam, por exemplo, com a dualidade de funções de um telemóvel, "brinquedo ou um utensílio?". Um telemóvel com funções para filmar o que se passa no interior de uma sala de aula, sanitários ou num balneário, gera desconfiança e medo. Os professores e a Escola não sabem reagir e tem uma grande dificuldade em lidar com este tipo de situações.

Todos os intervenientes, na apresentação deste site, em Bruxelas, desde a comissão europeia para a sociedade de informação aos empresários, todos eles concluíram que é na educação que está a resposta para os casos de desrespeito e de "Bullying".

A partir de doze (12) de Maio, a Associação Nacional de Professores, cria uma linha telefónica de apoio, dirigida a professores, alunos e famílias, envolvidas ou vítimas das mais diversas formas de "Bullying", quer como agressores, quer como vítimas, pois, normalmente os envolvidos nestas situações vivem um drama permanente de medo e em silêncio. Esta linha telefónica de apoio estará preparada para ouvir e dar o apoio necessário de forma confidencial. A criação desta linha de apoio foi inserida num projecto intitulado "convivência nas escolas", desenvolvido por esta Associação, em parceria com investigadores da Universidade Lusófona do Porto, tendo como base uma crescente preocupação associada à violência na comunidade escolar, confirmados pelos resultados da UNESCO, que lançaram o alerta; 25% a 50% dos alunos são vítimas de "Bullying".

O número telefónico de apoio é o 808 968 888 e este novo projecto pretende, sobretudo, promover a educação para a convivência nas escolas, ajudando a prevenir e a combater fenómenos de conflitualidade, indisciplina e violência. Esta Associação de professores também estabeleceu um protocolo com uma Instituição de Madrid, no sentido de fornecer e difundir material didáctico e pedagógico.

Ao longo deste trabalho tratamos o conceito de "bullying", quem são as vítimas e quais as suas características, e como podemos detectar quando uma criança está a sofrer deste tipo de agressão.

Também vimos como identificar uma vítima, quais são os tipos e efeitos desta agressão e quais são os ambientes onde ocorrem com mais frequência este tipo de agressão.

Tratamos também as consequências para as vítimas de "bullying", e como se reflecte no ambiente escolar. Deste modo, podemos concluir que esta é uma prática muito frequente entre os mais jovens.

Nesta pesquisa tomamos conhecimento da existência de vários exemplos, não só no estrangeiro, mas também em Portugal, indicando assim que esta problemática é mundial, global, indiciando que as suas origens estão directamente associados a questões sociais e familiares.

Na nossa Escola, presenciamos, em cerca de uma hora, vinte e um casos de bullying. Ficamos chocados com uma realidade que, a maior parte das vezes passa despercebida, pois além da impunidade dos agressores, as vítimas sentem-se, na maioria das vezes, impotentes para deixarem de ser violentadas.

Gostávamos que todos os responsáveis e elementos da comunidade fizessem algo para parar, ou diminuir estas práticas, que por serem bastante penosas para os envolvidos, não devem passar despercebidas, nem serem consideradas com naturalidade, como que fazendo parte do crescimento e amadurecimento do ser humano.

Esta temática deveria ser desenvolvida e ser objecto de reflexão nas Escolas, porque é onde estes acontecimentos se iniciam e ocorrem com mais frequência.

Este dossier pressupõe a realização de uma campanha de divulgação e sensibilização desta problemática na nossa Escola e em várias Entidades com responsabilidade na Educação.

Concluimos que uma das causas facilitadoras e promotoras deste fenómeno é a excessiva passividade dos Conselhos Executivos, corpo docente e não docente e dos encarregados de educação, à forma como reagem e enfrentam estas situações, considerando-as normais e não como um problema sério e com consequências futuras extremamente penosas, quer para as vítimas, quer para os agressores.



Fontes de recolha de informação

www.violencia.online.pt
www.dsgsaude.pt
www.stopbullying.com
www.apav.pt
www.portugaldiario.iol.pt
www.sol.sapo.pt
www.rtp.pt
www.jornaldenoticias.pt
www.bullying.pt
www.teachtoday.eu
www.sic.aeiou.pt
www.correioanha.pt
www.anprofessores.pt
www.publico.clix.pt
www.macs.hw.ac.uk